

FEVEREIRO DE 2026  
EDIÇÃO Nº 6

# ISSONÂNCIA

## LUCINNHA BASTOS

*A crooner que virou  
patrimônio cultural  
de um Estado*



### ZAMBROTTA

*O Nordeste que não cabe  
no eixo: a Zambrotta e a  
geração que aprendeu a  
sonhar fora da curva*



### MADAME LOUD

*Rock autoral, resistência  
e identidade: quem é a  
banda Madame Loud*



### DONA HELENA

*Dona Helena lança  
"São Paulo", o som das  
entranhas da Metrópole*

## EDITORIAL – 6ª EDIÇÃO

A Dissonância chega à sua 6ª edição reafirmando aquilo que a move desde o início: escutar o Brasil para além dos seus centros óbvios, dos seus atalhos fáceis e das narrativas já consagradas. Agora em versão digital em PDF, a revista amplia seu alcance sem perder o que a define, o mergulho atento em artistas que constroem suas trajetórias com densidade, risco e identidade própria.

Nesta edição, abrimos espaço para histórias que atravessam territórios e consolidam vozes.

Do Pará, a cantora Lucinnha Bastos é retratada na matéria “*A crooner que virou patrimônio cultural de um Estado*”. Sua obra, reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado do Pará, e esse não é um título simbólico, é o resultado de uma trajetória marcada por resistência, coerência artística e uma relação profunda com suas raízes. Em entrevista exclusiva, Lucinnha revisita caminhos, desafios e escolhas que moldaram sua carreira, revelando o quanto a persistência em manter sua identidade foi decisiva para sua consolidação.

Do Nordeste, a banda Zambrotta ocupa o centro da conversa em “*O Nordeste que não cabe no eixo: a Zambrotta e a geração que aprendeu a sonhar fora da curva*”. Em um relato direto e sem filtros, o grupo fala sobre o peso e a potência de criar fora do eixo Rio-São Paulo, sobre a origem do nome e sobre como transformaram o próprio território em palco principal. A Zambrotta representa uma geração que chegou ocupando o espaço dos grandes.

Do Sul do país, apresentamos a banda Madame Loud na matéria “*Rock autoral, resistência e identidade: quem é a banda Madame Loud*”. O duo compartilha reflexões sobre o mais recente lançamento e os desafios de construir uma carreira independente a partir do interior. Entre limitações estruturais e a força da criação autoral, a banda usa o rock como linguagem viva e em evolução constante.

Encerrando a edição, direto de São Paulo, a banda Dona Helena é destaque em “*Dona Helena lança ‘São Paulo’, o som das entranhas da Metrópole*”. Lançada no aniversário da cidade, a faixa sintetiza a relação ambígua e intensa do grupo com a capital paulista. No relato dos integrantes, o que começou de forma despretensiosa hoje se expande pelos palcos da cidade, revelando uma trajetória construída no acaso, mas sustentada pela consistência artística.

Esta edição da Dissonância é, acima de tudo, um retrato de deslocamentos. Entre norte, nordeste, sul e sudeste, o que se revela não é a distância entre as cenas, mas a potência de cada uma delas quando observadas sem hierarquias.


Boa leitura.

Tião Folk  
Editor – Revista Dissonância

Entre em contato conosco e descubra como fazer parte do ecossistema Dissonância

[contato@dissonancia.com](mailto:contato@dissonancia.com)

DISSONANCIA.COM

 (21) 96736-6260

 @dissonanciabr

 @dissonanciabr

#### CONTATO / IMPRENSA

Para dúvidas e sugestões de pautas, entrar em contato com o Editor Responsável da Dissonância.

#### TIÃO FOLK

Email: [tiaofolk@dissonancia.com](mailto:tiaofolk@dissonancia.com)

Tel / Whatsapp: (41)98783-9137

Instagram: @tiaofolk

[www.tiaofolk.com](http://www.tiaofolk.com)

Músico, cineasta e jornalista cultural independente. Fundador e editor responsável pelo portal Dissonância, dedica sua atuação ao mapeamento da cena artística independente brasileira. Assina a coluna de perfis biográficos da revista com ênfase em música regional e folk urbano; produz curtas-metragens autorais e clipes. É também apresentador do programa Tião Folk, veiculado em rádios web do Brasil.

Divulgue sua marca na Dissonância

REVISTA  
**DISSONÂNCIA**

ENVIO DE MATERIAL:  
[contato@dissonancia.com](mailto:contato@dissonancia.com)  
(21) 96736-6260

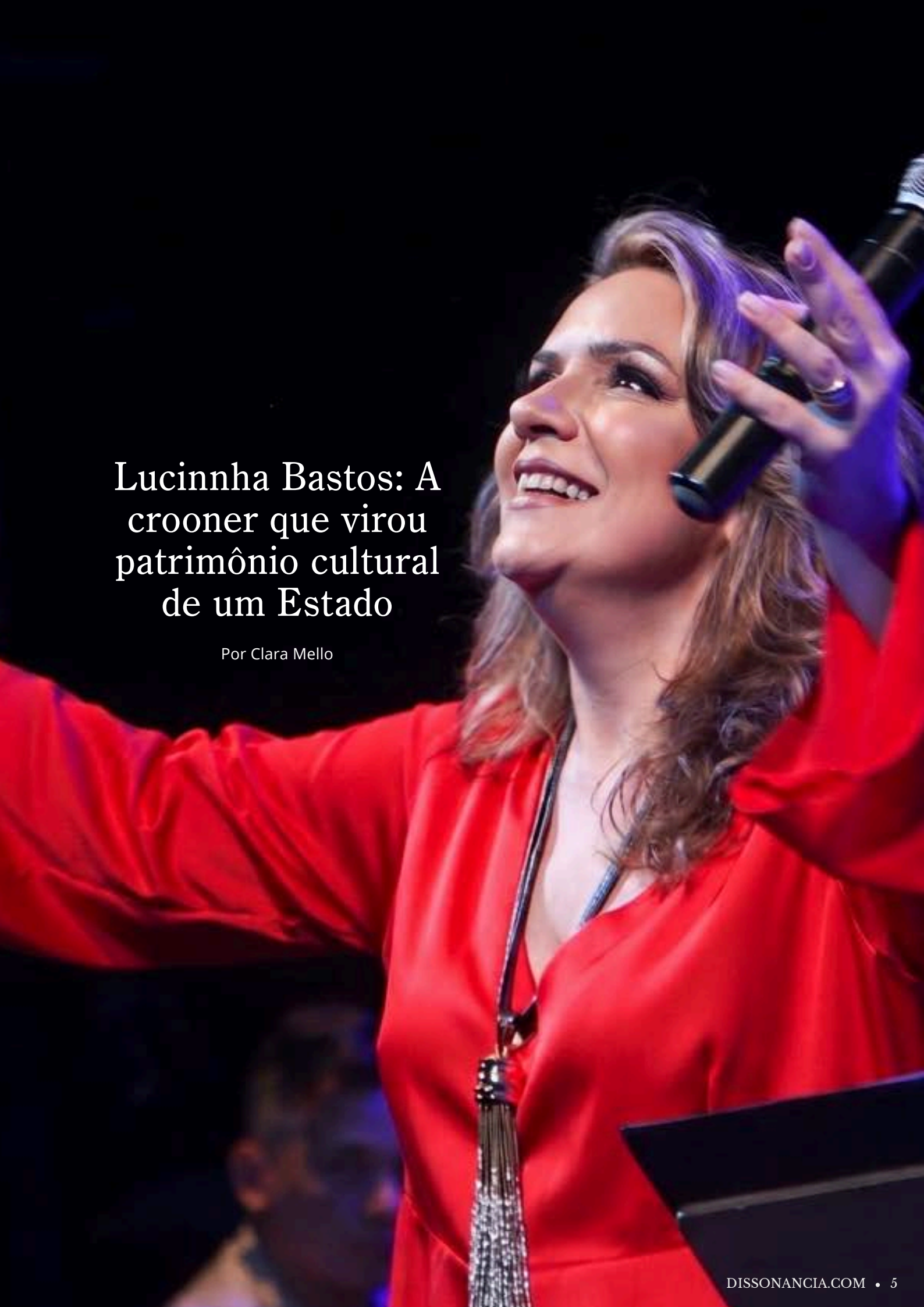
#### OUÇA AS RÁDIOS PARCEIRAS



ALTERNATIVA  
ROCK

## ÍNDICE

- 05 - Lucinnha Bastos: A crooner que virou patrimônio cultural de um Estado
- 10 - Lucinnha Bastos em Dissonância: entrevista exclusiva
- 14 - Página bio-discográfica: Lucinnha Bastos
- 15 - Dona Helena lança "São Paulo", o som das entranhas da Metrópole
- 18 - Dona Helena em Dissonância: entrevista exclusiva
- 20 - Página bio-discográfica: Dona Helena
- 21 - O Nordeste que não cabe no eixo: a Zambrotta e a geração que aprendeu a sonhar fora da curva
- 24 - Zambrotta em Dissonância: entrevista exclusiva
- 26 - Página bio-discográfica: Zambrotta
- 27 - Rock autoral resistência e identidade: quem é a banda Madame Loud
- 31 - Página bio-discográfica: Madame Loud
- 32 - Descubra a Essência da Revista Dissonância

A woman with blonde hair, wearing a vibrant red dress, is captured in a moment of joyful performance. She is smiling broadly, looking upwards and to the right, with her right hand raised near her head, holding a black microphone. The background is dark, suggesting a stage setting with focused lighting on her. The overall mood is energetic and celebratory.

# Lucinnha Bastos: A crooner que virou patrimônio cultural de um Estado

Por Clara Mello



Há reconhecimentos que chegam tarde, destinados apenas a estátuas de mármore e placas esquecidas. E há aqueles que, raros e precisos, celebram a vida enquanto ela ainda pulsa forte. Na sexta edição da Revista Dissonância, escolhemos para a capa uma mulher que não apenas canta, mas que personifica a história e a alma de um povo. Lucinnha Bastos, recentemente declarada por lei como Patrimônio Cultural e Imaterial do Estado do Pará, é a definição viva da resiliência, um valor que esta revista defende inabalavelmente.

**Novo com família quantas e quantas vezes, trabalhando na noite, trabalhando onde os outros tão ali só se divertindo."**

Essa honra, concedida em vida, inspira mulheres que, como ela, lutam por seu espaço em uma sociedade ainda marcada por desigualdades. Ligada à rica cultura paraense e à devoção por Nossa Senhora de Nazaré, padroeira de Belém, Lucinnha representa a força de quem transforma adversidades em arte eterna.

Filha de Luciano Bastos, fundador da icônica Banda Sayonara, ela subiu aos palcos aos sete anos, cantando em bailes de carnaval belenenses.



LEI Nº 11.307, DE 6 DE JANEIRO DE 2026

Declara como patrimônio cultural de natureza imaterial do Estado do Pará, a Obra Musical de Lucinnha Bastos de Araujo.

A ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO PARÁ estatui e eu sanciono a seguinte Lei:

**Art. 1º** Fica declarada como patrimônio cultural de natureza imaterial do Estado do Pará, a Obra Musical de Lucinnha Bastos de Araujo, nos termos do art. 206, da Constituição do Estado do Pará.

**Art. 2º** Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

PALÁCIO DO GOVERNO, 6 de janeiro de 2026.

HELDER BARBALHO  
Governador do Estado

Este texto não substitui o publicado no DOE nº 35.488, de 07/01/2026.

A sanção da Lei Ordinária nº 11.307/2026, que declara sua obra como patrimônio imaterial do Pará é o selo de uma história de luta e não apenas um marco burocrático. **"Fiquei muito emocionada quando eu soube, nem acreditei. Eu achava que era algum engano"**, confessa Lucinha, ainda em estado de gratidão. Para a cantora, a honraria reside não apenas na fama, mas na validação de anos de dedicação silenciosa.

**"eu fiquei feliz pelo reconhecimento em vida, porque todo artista, acho que todos nós, qualquer profissional quer ser reconhecido pelo seu trabalho, né? E o artista que se dedica, eu me dedico há mais de 40 anos para arte, e a gente passa por muito perrengue. Quem tá de fora, às vezes, não tem noção do nosso desgaste, do nosso comprometimento, do tempo que a gente fica, às vezes fora de casa, não passa Natal nem Ano**

Nesta reportagem exclusiva, baseada em entrevistas e pesquisas, traçamos a jornada inspiradora dessa cantora batalhadora que, de origens humildes, conquistou o hall das estrelas amazônicas.

## As voltas que a vida dá, o início de tudo

Nascida em 1967 em Belém do Pará, Luciete Bastos de Araujo, artisticamente conhecida como Lucinnha Bastos, cresceu imersa no som das festas e bailes.



Aos nove, já se apresentava na extinta TV Tupi e no lendário Theatro da Paz, ao lado de lendas como Ângela Maria e Miltoninho. Com apenas 12 anos, venceu seu primeiro festival de música, pavimentando um caminho que misturaria talento inato com persistência inabalável. **"Eu comecei a cantar muito cedo, criança, com ele [meu pai]"**, reflete Lucinnha na entrevista exclusiva à Dissonância, destacando como a influência paterna moldou sua visão madura e responsável da arte.



LUCINHA BASTOS - COMPACTO DUPLO  
- 1981

Os anos iniciais foram de experimentações e descobertas. Em 1981, aos 14 anos, lançou um compacto duplo, seguido por um LP de música brega aos 17, com canções de Alípio Martins.



LUCINHA - 1984

## Lucinha Bastos e os rótulos

Mas o sonho de projeção nacional a levou, aos 18, para o Rio de Janeiro, onde permaneceu por oito anos, e depois para São Paulo por mais um. Lá, enfrentou o lado árduo da indústria: produtores exigiam que ela definisse um "estilo" único, rejeitando o ecletismo que a definia, de xote e forró a rock e românticas. **"Eu era muito nova, maturidade zero"**, admite ela.



Pior: suas composições amazônicas, que falavam de açaí, rios e amores regionais, eram tachadas de **"muito regionais"**, longe do **"universal"** desejado pelo mercado.

Após recusar contratos que a confinariam a modas passageiras, como o sertanejo na era de Roberta Miranda, Lucinha retornou a Belém em 1991. **"Foi a melhor coisa que eu fiz"**, afirma, sem demagogia. Ali, reencontrou suas raízes e dedicou-se à música amazônica.

**"Quando eu fui pro Rio, eu, coincidentemente, eu levei na minha bagagem Paulo André Rui Barata, levei Nilson Chaves, levei vários compositores, Waldemar Henrique, pra mostrar. E toda vez que eu ia num lugar mostrar alguma coisa, os produtores perguntavam, e eu mostrava alguma música daqui. E eles falavam que era, que era muito regional, que eu precisava cantar alguma coisa mais universal. Então eles queriam que eu cantasse mais aquela, o amor, mas na linguagem deles. E eu comecei a ficar um pouco preocupada com isso, porque, pra mim, eu cantava o amor, só que eu cantava o amor do Paulo André Rui, né? Mas era o amor."**

## A Crooner da banda Sayonara

Antes de consolidar uma trajetória autoral ligada à música amazônica, Lucinha Bastos viveu uma etapa formativa decisiva como crooner da Banda Sayonara, grupo fundado por seu pai e referência nos bailes e eventos populares do Pará.



LUCIANO BASTOS, FUNDADOR DA BANDA SAYONARA

No universo musical, o termo crooner define o cantor ou cantora responsável por interpretar um repertório amplo, adaptado a diferentes públicos e contextos, exigindo versatilidade, técnica e leitura precisa de palco.

Foi nesse ambiente que Lucinha ampliou sua escuta e moldou sua identidade como intérprete.

**"Sempre digo, eu sou uma intérprete brasileira. Canto de tudo. Até porque eu cantei no Sayonara, cantei, foi na época que eu fui crooner da banda. Então, como crooner, eu cantava tudo, xote, baião, forró, rock, música romântica, enfim, cantava tudo."**

A experiência, longe de diluir sua personalidade artística, fortaleceu sua compreensão da canção popular e preparou o terreno para uma carreira marcada pela liberdade estética e pelo respeito à diversidade musical brasileira.

## A cantora da Nazaré

Se há uma imagem que define a espiritualidade de Lucinha, é a devoção a Nossa Senhora de Nazaré, a padroeira de Belém.



**"Sou muito católica, acredito em Deus, acredito que tudo que a gente faz, o caminho está ali realmente no comando"**, declara. Para ela, música e fé são faces da mesma moeda: **"A gente através da arte transforma a vida das pessoas para melhor."**

Ela, que cantou o Círio a vida inteira, compreende que a religiosidade paraense não é dogmática, é compassional. Em tempos de polarização, sua voz se levanta não para dividir, mas para agregar.

**"Talvez a gente pudesse enxergar um pouco mais, ter empatia com as pessoas e contribuir sempre para o melhor, independente de escolhas, independente da própria religião".**

### **"Música Popular Paraense", será?**

A mesma cantora que interpreta carimbós ancestrais é capaz de dialogar com o pop rock local, com o samba, com a bossa nova, porque, como ela mesma ensina, não existe **"música popular paraense"** isolada. Existe música brasileira feita por paraenses.

E é aqui que Lucinnha se torna perigosa para o provincialismo: ao recusar o rótulo de "MPP" (Música Popular Paraense). Ela não nega suas raízes, pelo contrário, expande-as até dimensões universais.

**"A gente não gosta muito dessa sigla MPP, porque a gente fala assim, "música popular paraense", como se não fosse brasileira. E acho que a gente é muito maior."**

A defesa não é por menos, mas por mais: mais reconhecimento de que o Pará não é curiosidade folclórica, mas sim, matriz criativa do Brasil.

**"... se você for falar de cultura paraense, você vai precisar falar dos ritmos diversos, do Lundu, do Retumbão, da Lambada, do Brega, das vertentes do brega, que hoje não é só mais uma, né? E aí tem milhões de coisas para a gente mostrar, inclusive com as danças e com tantas coisas que acontecem no estado, como o Juruti.. O Festrival, que é o Moirapinima e o Munduruku. E aí tem Os Prentinhos do Mangue, tem o carnaval forte de Vigia e de Cameté que é diferente do carnaval lá do Rio de São Paulo, tem Os Cabeçudos lá de São Caetano de Odivelas. E aí tem várias cidades que têm essa cultura forte do carimbó."**



## O futuro é passado que não terminou

Perguntada sobre o legado, Lucinnha não hesita: prefere "*repassar*" a "*preservar em museus*". Ensinar, dividir, multiplicar. É essa a lógica do patrimônio imaterial, não a sepultura em vitrines, mas a transmissão, a reinvenção constante.

Sua obra, agora protegida pelo Estado, continuará mutando, dialogando com novas gerações que descobrirão, talvez pelo TikTok ou pelo Instagram, que aquela voz que canta "Os Passa Vida" carrega em cada nota a história de um povo.


Lucinnha Bastos é capa da Dissonância porque representa o que há de mais urgente na cultura brasileira: a possibilidade de ser regional sem ser menor, universal sem ser genérica, tradicional sem ser estática. É a prova de que a resiliência, quando aliada ao talento e à decência, não apenas constroem carreiras, constroem nações culturais.

Para a Dissonância, Lucinnha representa o alicerce da cultura paraense: firme, profundo e necessário. Em suas palavras, o desejo para o futuro não é desconstruir as tradições do Pará, mas aprimorar a empatia entre seu povo.

**"Nós somos maravilhosos, nós somos um povo fantástico, e a gente poderia crescer ainda mais se a gente conseguisse ter um cuidado maior um com o outro".**

E é com esse espírito de união, fé e resiliência que celebramos Lucinnha Bastos na nossa capa. A voz que é patrimônio, mas que, acima de tudo, é nossa.





## Lucintha Bastos em Dissonância: entrevista exclusiva

Por Clara Mello

*Com mais de quatro décadas dedicadas à música, Lucintha Bastos construiu uma trajetória que se confunde com a própria história cultural do Pará. Cantora de voz precisa e interpretação marcada pela escuta atenta da canção, ela atravessou diferentes fases da indústria musical sem se afastar de suas raízes amazônicas, afirmando-se como intérprete brasileira comprometida com o repertório e com o tempo de cada obra. Em 2026, teve sua produção reconhecida por lei como patrimônio cultural imaterial do Estado do Pará, um marco raro em vida que reforça sua relevância artística e simbólica. É a partir dessa caminhada, feita de escolhas conscientes, resiliência e diálogo constante com a cultura paraense, que Lucintha conversa com a colunista Clara Mello nesta entrevista exclusiva da 6ª edição da Revista Dissonância.*

Lucintha Bastos  
NUTRICIONISTA

**Dissonância:** O que mudou na sua relação pessoal com a sua música depois que a obra foi oficialmente reconhecida por lei como patrimônio cultural e imaterial do Pará?

**Lucintha Bastos:** Ainda não teve nenhuma grande mudança, ainda não observei nada, mas porque tá muito recente também, né? Tem pouco tempo que a obra, a minha obra foi reconhecida como patrimônio cultural imaterial do Estado do Pará, o que me deixa muito honrada, muito feliz. Eu fiquei muito emocionada quando eu soube, nem acreditei. Eu achava que era algum engano quando tinham me falado que ia ter essa votação na Assembleia Legislativa. E eu falei, não, gente, eu acho que não. Porque realmente, eu acho uma coisa muito grande, entendeu. Mas eu fiquei feliz pelo reconhecimento em vida, porque todo artista, acho que todos nós, qualquer profissional quer ser reconhecido pelo seu trabalho, né? E o artista que se dedica, eu me dedico há mais de 40 anos para arte, e a gente passa por muito perrengue. Quem tá de fora, às vezes, não tem noção do nosso desgaste, do nosso comprometimento, do tempo que a gente fica, às vezes fora de casa, não passa Natal nem Ano Novo com família quantas e quantas vezes, trabalhando na noite, trabalhando onde os outros tão ali só se divertindo. Mas assim, o que eu fiquei feliz foi com o reconhecimento em vida, para que eu possa, comemorar com a minha família, com os meus amigos, e com certeza, dividindo esse carinho, esse presente com todos que me ajudaram durante toda a minha carreira. E aí eu coloco músicos, além da minha família, dos meus amigos e fãs, mas eu coloco os músicos, compositores que a mim confiaram as suas obras, diretores musicais, arranjadores, produção, toda a cadeia da música, toda a cadeia produtiva, os patrocinadores que também sempre me apoiaram a vida inteira que eu pedi, a imprensa que também sempre me deu espaço para divulgar o meu trabalho e ao público querido que lá atrás compravam os meus vinis, os meus CDs, os meus DVDs, e que agora, com a nova era digital, através das plataformas divulgam,

*curtem, compartilham, e isso que faz a gente ficar mais forte, né? Então é uma grande equipe.*

**Dissonância:** Esse reconhecimento em vida, algo raro, traz alguma responsabilidade que você não sentia antes? Se sim, qual?

**Lucintha Bastos:** Acho que a responsabilidade, ela tá muito presente dentro de mim, porque eu puxei muito pro meu pai, meu pai, o dono da Banda Sayonara. Eu comecei a cantar muito cedo, criança, com ele. Então, sempre tive uma visão muito, sabe, madura, muito, sempre fui muito responsável, muito essa coisa assim do respeito com o público, sempre pensar e lembrar das pessoas que me ajudaram, sempre agradecer, sempre ter a consciência da importância de se dividir o palco, de se respeitar o colega. Então, acho que talvez a responsabilidade vai aumentar. Acho que vai, talvez pela questão de alguns começarem talvez olhar, parar e olhar de novo, "ei, deixa eu ver, deixa eu ver como é que tá aqui, como é que tá esse trabalho", né? Mas eu acho que a responsabilidade continua cada vez mais forte pelo meu compromisso mesmo de sempre entregar o meu melhor.

**Dissonância:** Você já criticou rótulos como "música paraense", por não existir uma definição se é "música regional folclórica ou é música feita por paraenses"; Hoje, após ser elevada ao status de patrimônio cultural do estado, você se arrisca a definir o que é música paraense?

**Lucintha Bastos:** Essa crítica, às vezes, que a gente faz, não só eu, o Nilson Chaves também. A gente não gosta muito dessa sigla MPP, porque a gente fala assim, "música popular paraense", como se não fosse brasileira. E acho que a gente é muito maior. Não existe MPBH, música popular de Belo Horizonte. Então eu acho que a gente tem uma preocupação, às vezes, as pessoas meio que excluir a gente do mapa, que já aconteceu isso muito lá atrás. Hoje em dia, acho que não, hoje em dia acho que a gente começou a

*conquistar realmente nosso espaço, a mostrar a força da diversidade cultural do nosso estado, a nossa música extremamente, não só a música, a cultura de uma maneira geral. Todas as linguagens, linguagem visual, teatral, de música, enfim, é muito forte. E eu acho que a gente conseguiu conquistar isso muito e hoje em dia você vê que as pessoas vêm aqui e falam muito. Já querem conhecer e falam muito da nossa cultura. Mas eu acho que, é lógico, se você for falar de cultura paraense, você vai precisar falar dos ritmos diversos, do lundu, do retumbão, da lambada, do brega, das vertentes do brega, que hoje não é só mais uma, né? E aí tem milhões de coisas para a gente mostrar, inclusive com as danças e com tantas coisas que acontecem no estado, como o juriti, O Festribal, lá o Festribal, que é o Moirapinim e Munduruku. E aí tem os Prentinhos do mangue, tem o carnaval forte de Vigia e de Cameté que é diferente do carnaval lá do Rio de São Paulo, tem Os Cabeçudos lá de São Caetano de Odivelas. E aí tem várias cidades que têm essa cultura forte do carimbó. Temos a Marujada lá em Bragança, ou seja, nós temos milhares de coisas que a gente pode identificar como música paraense porque foi criada aqui. E agora, eu acho que é importante a gente entender que nós temos um talento muito grande, de compositores, de cantores, de artistas que não só fazem a música com a linguagem, vamos dizer, com a linguagem regional. Então nós temos grupos de samba, de bossa nova aqui, nós temos pop rock maravilhoso, chorinho, nós temos tudo, porque nós somos brasileiros. Agora, é lógico que a nossa música regional, ela é muito forte porque nós temos uma diversidade enorme. Mas aí eu não acho que seja MPP. Então tem essa, essa coisa assim, que às vezes, me preocupa, né? Não sei se pode ser besteira minha.*

**Dissonância:** Nos anos 80 você foi convidada para gravar música brega e até tentou carreira fora do Pará. Em que momento você percebeu que seguir a cultura paraense era mais importante do que buscar projeção nacional?

**Lucintha Bastos:** *Eu passei oito anos no Rio de Janeiro, um ano em São Paulo. E quando eu fui pra lá, eu fui para tentar fazer a carreira nacional. Meu pai me deu muito apoio. Eu fui, eu era muito nova, tinha 18 anos, então maturidade zero ainda. E quando eu fui pra lá, eu não tinha ainda essa noção da importância que a música amazônica tinha pra mim. Essa coisa forte que eu tenho hoje, que eu gosto de cantar. Sempre digo, eu sou uma intérprete brasileira. Canto de tudo. Até porque eu cantei no Sayonara, cantei, foi na época que eu, que eu fui crooner da banda. Então, como crooner, eu cantava tudo, xote, baião, forró, rock, música romântica, enfim, cantava tudo. E cantava compositores do Brasil todo, não cantava só músicas feitas por compositores paraenses e nem músicas tão regionais quanto essas que eu falo, falando da linguagem mesmo, nossa. Então, eu cantava de tudo, sempre cantei de tudo. E quando eu fui pro Rio, eu, coincidentemente, eu levei na minha bagagem Paulo André Rui Barata, levei Nilson Chaves, levei vários compositores, Waldemar Henrique, pra mostrar. E toda vez que eu ia num lugar mostrar alguma coisa, os produtores perguntavam, e eu mostrava alguma música daqui. E eles falavam que era, que era muito regional, que eu precisava cantar alguma coisa mais universal. Então eles queriam que eu cantasse mais aquela, o amor, mas na linguagem deles. E eu comecei a ficar um pouco preocupada com isso, porque, pra mim, eu cantava o amor, só que eu cantava o amor do Paulo André Rui, né? Mas era o amor. E aí eles me pediam muito pra me falar qual era o meu estilo; e eu tinha muita dificuldade de falar, porque eu não me considerava uma cantora romântica, não me considerava roqueira nem sambista, apesar de gostar de tudo. E eu falava que eu era uma pessoa, eu falava: "eu sou uma cantora eclética". Eu achava essa palavra linda, porque eu entendia que eu era uma cantora, uma intérprete, que eu gostava de cantar música boa, independente do estilo. Mas eles me forçavam a dizer que eu precisava escolher, que eu precisava ter um estilo. E isso eu fui fazendo shows, fui conhecendo*

*artistas fantásticos, músicos, eu fiz muita coisa interessante, muita coisa que marcou muito a minha vida pessoal e profissional no Rio de Janeiro, mas teve um momento que isso me incomodou tanto que eu resolvi voltar pra Belém. Eu voltei em Belém, em 1991, porque eles queriam que eu, por força, escolhesse um estilo que eu não sabia. E eu costumo dizer que até hoje eu não sei, se você me perguntar: "Qual o teu estilo?", eu não sei o que te dizer. Eu vou te dizer que eu sou uma cantora, uma intérprete brasileira, nascida no Pará, que ama a cultura amazônica e que divulga mais, nos seus trabalhos, músicas feitas por compositores amazônicos. E acho que foi a melhor coisa que eu fiz, juro. Sabe? Sem querer, sem demagogia, foi a melhor coisa que eu fiz, foi ter voltado pra Belém, pro meu Pará, e poder cantar o que eu queria, o que me identificava, o que me deixava feliz.*

**Dissonância: Hoje, olhando para a sua discografia, dos LPs aos singles recentes, qual obra você sente que representa melhor a essência da sua visão artística?**

**Lucintha Bastos:** *Essa pergunta, ela é complicada porque difícil identificar só um, porque aí a gente tá falando, igual tá falando de filhos, né? Cada um teve uma importância, cada um tem um significado, teve um momento. Então, todos são muito importantes, muito, muito importantes mesmo. Desde o compacto duplo que eu gravei com 14 anos de idade. E aí passando pelo vinil que eu fiz com 17 anos, que era um vinil só de música brega, só músicas do Alípio Martins e que eu descobri ali, por exemplo, eu gostava das músicas dele, sempre gostei de brega, eu gosto de brega, canto, mas que era, eu não queria fazer só uma, uma coisa, ou talvez aí tá a história do estilo, né? Eu não queria cantar só uma coisa, porque eu sentia a falta de mesclar. E quando você grava um CD só com um estilo e você estoura, faz sucesso, você vai subir no palco e você vai ter que fazer duas horas de show cantando só aquilo. E eu sentia a falta de mudar, cantar outras coisas, e o produtor na época dizia: "Não, você não pode, você só pode cantar o disco". E eu ficava assim*

*meio incomodada com isso. E aí depois que eu fui para o Rio de Janeiro, com 18 anos, eu gravei um disco que foi também muito marcante na minha carreira, porque foi um vinil dirigido pelo Sebastião Tapajós, que teve os arranjos do Gilson Peranzetta, que eu adoro, que era, que foi arranjador do Ivan Lins, com músicos maravilhosos, que somaram muito também na minha vida, como Luizão no baixo, que também tocou com a Elis Regina, que era minha referência de intérprete, de cantora da vida. Então, foi um momento muito importante, de eu me aproximar do Billy Blanco, a gente fez muitos shows juntos. Eu, Billy Blanco, Sebastião Tapajós e Gilson Peranzetta. E aí depois que eu vim embora pra Belém, eu fiz o "Antipop do Que Nunca", que foi um outro vinil, até entrar em 1997 no "Canta Amazônia", que foi quando eu comecei, acho que a moldar mais o estilo que eu queria pro meu trabalho em relação a arranjos, em relação a escolha de repertório. E aí veio o "Canta Amazônia 2", o "Pimenta com Sal", "Minha Aldeia", enfim. Eu acho que todos são muito, muito importantes.*

**Dissonância: Nossa Senhora de Nazaré aparece em muitas narrativas paraenses. A música é uma forma de fé para você? Ou fé é uma forma de música?**

**Lucintha Bastos:** *É, com certeza, a música é uma forma, sim, de fé, né? A gente através da arte transforma a vida das pessoas para melhor. E é uma das coisas mais bonitas, acho que da minha carreira é isso. A quantidade de momentos que eu sei que eu propiciei para as pessoas ficarem mais felizes, mais alegres, mais soltas, e o que eu ganhei em troca, que é também essa felicidade, essa alegria, essa paz de saber que eu pude fazer isso, então, é uma troca, e eu também fiquei feliz. Então, assim, sou muito católica, acredito em Deus, acredito que tudo que a gente faz, que o caminho está ali realmente, ele está ali no comando. Sou devota de Nossa Senhora de Nazaré, canto o Círio de Nazaré a minha vida inteira, e acho isso, que música cura, sabe? A arte, ela cura, com certeza.*

**Dissonância:** Considerando que sua família, como o Banda Sayonara fundado por seu pai, moldou o cenário musical paraense, como você imagina que sua carreira teria se desenrolado se você tivesse crescido continuado fora do Pará e desenvolvido a carreira no eixo Rio - São Paulo desde o início?

**Lucinnha Bastos:** Olha, difícil porque eu não me imagino. Eu sou muito família, né? A minha família é muito unida, ela é muito carinhosa e muito amorosa. A gente é muito assim, grudento, sabe? Se fala muito e fala todo dia, fala eu te amo. A gente é muito assim. Então, não imagino a minha vida desde o início. Se eu vivesse fora do Estado. Eu não ficaria tão distante da minha cultura, porque meus pais sempre colocaram isso para mim. Eu sempre ouvi, sempre aprendi muito de música com meu pai. Então, eu acho difícil eu ficar distante e seguir outra coisa. Acho bem difícil. E quando eu morei, mesmo, quando eu morei no Rio, eu ficava agoniada. Vinha muito em Belém fazer show, porque eu sentia muita falta de Belém. Então, eu não sei como seria minha vida longe de Belém, não.

**Dissonância:** Se amanhã você precisasse escolher entre preservar sua arte em museus ou repensá-la constantemente em colaboração com jovens artistas, qual caminho escolheria? E por quê?

**Lucinnha Bastos:** Com certeza, eu escolheria repassar o que eu pudesse, eu já faço isso. Sempre que eu posso, eu ensino, divido com os colegas, com quem está começando, ou, às vezes, até colegas que já estão há mais tempo, e me pedem conselhos, e eu não tenho o menor problema nisso, sabe? Em dividir, em repassar o meu conhecimento. Eu acho que é assim que a gente multiplica realmente a arte, que a gente valoriza cada aprendizado é quando você consegue passar adiante. Eu acho isso fantástico. A gente tem um trabalho, por exemplo, na trilogia, eu, o Marco Monteiro e Nilson Chaves, que a gente divide o palco. E a gente fala, é engraçado, né, que são três artistas de muitos

anos de carreira, um admira o outro, mas a gente sempre está aprendendo, a gente sempre também se abre para beber das fontes e está o tempo todo querendo aprender. Acho que isso é crescimento pessoal, profissional, e é viver, né? Viver, querer aprender e dividir isso com esse ensinamento com outras pessoas, com os jovens que podem depois multiplicar, eu acho fantástico.

**Dissonância:** Para você, o que é mais difícil: tocar o coração de quem já te conhece há décadas ou conquistar uma nova plateia que nunca ouviu sua música?

**Lucinnha Bastos:** Olha, tocar o coração de quem me conhece há muito tempo, eu acho que é mais fácil, porque se já me conhece, me segue e gosta do meu trabalho, porque também a gente acaba criando laços. Então, de carinho, de amor de fã, de amizade. Eu sou uma pessoa muito carinhosa, muito próxima dos meus fãs, do meu público. Então, eu acho mais fácil tocar essas pessoas. Mais difícil, com certeza, é conquistar públicos novos, porque hoje você não tem mais só a rádio e a televisão. Hoje você tem o Instagram, o Facebook, o TikTok, o YouTube, são milhares de vertentes, as pessoas estão muito ligeiras, elas não param muito para prestar atenção. E se dar, de repente, a oportunidade de conhecer o novo. Porque mesmo eu tendo mais de 40 anos de carreira, sou nova para muitos, para muitos jovens. Então, fazer com que esse público novo aí pare e diga, "pera aí, olha, tem uma cantora aqui fazendo um show aqui nesse teatro, vou comprar o ingresso, vou entrar e vou ver". Se dar a oportunidade de gostar ou não, de conhecer um trabalho novo. Então, eu acho mais difícil.

**Dissonância:** Existe algo na tradição do Pará, na música, na fé ou na cultura, que você gostaria de desconstruir e reconceber para os próximos 50 anos?

**Lucinnha Bastos:** O Pará é um estado de muitas tradições. E tradições lindas, como o Círio de Nazaré, por exemplo. Eu não diria desconstruir. Eu acho que a gente

precisa se aprimorar mais, sei lá, fazer mais reflexões sobre tudo que é importante aqui para nós, para o nosso povo, para que a gente possa valorizar cada vez mais, sem tantas críticas, sem tantas richas, sem tantos lados. Acho que a gente pudesse enxergar um pouco mais, ter empatia com as pessoas e contribuir sempre para o melhor, independente de escolhas, independente da própria religião, de times, essa coisa, essas brigas, às vezes, política, enfim, eu acho que nós somos maravilhosos, nós somos um povo fantástico, e a gente poderia crescer ainda mais se a gente conseguisse ter um cuidado maior um com o outro. Acho que isso é até no Brasil, né?

**OUÇA A ENTREVISTA COMPLETA NO PORTAL DISSONÂNCIA**



[CLIQUE AQUI](#)

Divulgue na Dissonância

REVISTA  
DISSONÂNCIA

**SUA MARCA  
CHEGANDO  
A MILHARES  
DE LEITORES  
NO BRASIL E  
NO MUNDO**

# LUCINNHA BASTOS

Lucinnha Bastos é uma das vozes fundamentais da música amazônica contemporânea. Nascida em Belém do Pará, iniciou sua trajetória ainda criança, influenciada diretamente pelo pai, Luciano Bastos, fundador da Banda Sayonara. Desde cedo, o palco se tornou espaço de formação artística, disciplina e entendimento profundo da música como ofício e compromisso cultural.

Ao longo de mais de quatro décadas de carreira, Lucinnha construiu uma discografia diversa e coerente, marcada pela força interpretativa e pela escolha criteriosa de repertório. Dos primeiros compactos e LPs nos anos 1980 aos álbuns que consolidaram sua identidade artística, como *Canta Amazônia* (1997) e *Canta Amazônia 2* (2000), sua obra dialoga com a canção brasileira sem abrir mão das matrizes culturais do Pará. Carimbó, lundu, brega, canção popular e música de concerto convivem em sua trajetória de forma orgânica.

Sua passagem pelo eixo Rio-São Paulo, ainda jovem, foi decisiva para o entendimento de que sua arte ganhava sentido pleno quando conectada à Amazônia. De volta a Belém no início dos anos 1990, Lucinnha passou a afirmar com clareza seu lugar como intérprete brasileira nascida no Pará, dedicada sobretudo à divulgação de compositores amazônicos, sem se prender a rótulos ou classificações limitantes.

Devota de Nossa Senhora de Nazaré, Lucinnha mantém relação profunda com a religiosidade popular paraense, participando há décadas das celebrações do Círio e compreendendo a música como forma de fé, troca e cura. Sua atuação artística também se estende ao diálogo com diferentes gerações, seja em parcerias, projetos coletivos ou no compartilhamento de conhecimento com novos artistas.

Em 2026, sua obra musical foi oficialmente declarada patrimônio cultural imaterial do Estado do Pará, reconhecimento raro em vida que consolida sua relevância histórica e simbólica. Lucinnha Bastos permanece como uma artista em movimento, cuja discografia é, acima de tudo, um retrato sensível da cultura, da resistência e da pluralidade amazônica.



Passe Bem  
27/06/2025



Amai-vos  
10/02/2023



Belém Saudade  
23/05/2022



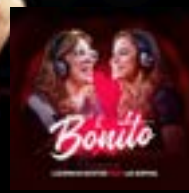
Contos Sobre  
Mãe Maria  
18/10/2019



Gratidão  
11/10/2019



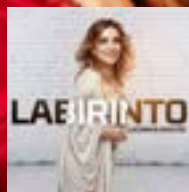
O Sonho Acabou  
12/07/2019



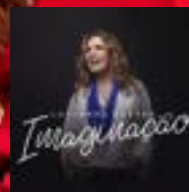
É Bonito  
05/07/2019



Nós  
05/07/2019



Labirinto  
28/06/2019



Imaginação  
21/09/2018



Sacramenta  
Nazaré  
04/11/2014



Trilogia 2  
29/10/2014



Minha Aldeia  
2007



Pimenta com Sal  
2006



A Força Que  
Vem Das Ruas  
2005



Canta Amazônia  
2000



Juriti Amar  
1998



Canta Amazônia  
01/11/1997



Mulher  
1993



Lucinha Bastos  
1987

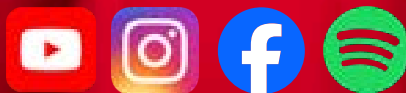


Eu Sempre Vou  
Te Amar  
1984



Lucinha Bastos  
1982

## REDES SOCIAIS



VEJA A PÁGINA BIO-DISCOGRÁFICA  
DA LUCINNHA BASTOS NO PORTAL  
DISSONÂNCIA

[CLIQUE AQUI](#)

# Dona Helena lança "São Paulo", o som das entranhas da Metrópole

Por Tião Folk



Enquanto São Paulo completava mais um ciclo de sua história, entre os congestionamentos de um feriado e o cinza característico de um céu tropical de verão, a cidade ganhou algo a mais: uma trilha sonora que traduz sua alma.



A banda Dona Helena, originária de Guarulhos mas com o pé firme no asfalto da capital, escolheu justamente o dia 25 de janeiro para lançar "**SÃO PAULO**", um single nada turístico que olha bem na cara da cidade que nunca dorme.

O single chega como uma espécie de homenagem à cidade que inspira a banda, coincidindo com o Dia de São Paulo, data histórica que remete à fundação em 1554 pelo padre Manuel da Nóbrega e jesuítas. No mesmo instante em que a metrópole enfrenta desafios como desigualdade e poluição, temas reverberados na letra sobre "**céu cinza**" e "**becos estreitos**", a música da Dona Helena parece desafiar a áurea paulistana, similar a como bandas clássicas como os Mutantes ou Titãs capturaram o espírito urbano em eras passadas. A produção, assinada por Gabriel Nobre e a própria banda, com mix e master de Luke Mello, reflete um processo colaborativo gravado em estúdios locais como Navedois e Fábricas de Cultura.

Quem ouve espera um solo de guitarra epiléptico ou uma homenagem ao Obelisco, mas a banda é inteligente: sabe que a música de São Paulo é feita de urgência e aperto. "**São Paulo**" é uma faixa de Rock com influências de Punk e Blues e não precisa de enfeites. O instrumental é construído para sufocar, da mesma forma que os becos estreitos descritos na letra.



O vocalista e guitarrista Vitu Lopes entrega uma performance que é puro metrô lotado. Porque sua voz é rouca, intensa e com uns gritos que prendem a atenção do ouvinte pela garganta. Há um momento na música em que parece que o fôlego vai acabar, que a nota não vai subir, mas Vitu recupera o ar com uma potência impressionante e carrega até o fim. É a metáfora perfeita do paulistano resistindo ao cansaço diário.



Na guitarra, ele arrebenta no drive. Não há um solo propriamente dito, e é exatamente por isso que a música funciona: não cabe virtuosismo aqui, só a textura pesada que remete ao barulho constante da cidade.



## Crítica Social e Identidade

A letra de "São Paulo", composta por Vitu Lopes, não tenta maquiagem a realidade. Fala do ar rarefeito, dos sonhos jogados fora e da maldade que paira nas esquinas. O refrão é um chamado direto à reflexão: **"Ei, irmão! Por que você se esconde? Não olha pro horizonte, tem medo de viver"**. A banda critica duramente a postura de quem está no topo, os do **"primeiro pódio"**, e a perda de humanidade em uma **"passe mágica"**.

Em entrevista exclusiva à Revista Dissonância, Luiz Moreira, o batera, explicou a mensagem por trás da faixa:

**"São Paulo" é sobre o caos da cidade que nos faz esquecer de olhar para nós mesmos, e de perceber o outro também. A mensagem é uma crítica a quem se coloca no todo do pódio, a quem não enxerga o próximo, a quem se esconde atrás de máscaras para ser aceito. É uma forma de dizer ao ouvinte a olhar para si mesmo e a deixar de lado o ódio, o pudor e a mesquinhez e vir a ser quem realmente é, se aceitando e aceitando os demais"**

### O Milagre de Guarulhos

Se a música parece madura, a história por trás dela é um exemplo de como a cena independente paulistana se reinventa. Formada em julho de 2023, a Dona Helena nasceu de um projeto de festival que nunca aconteceu e acabou herdando o nome da avó de Vitu Lopes, Dona Helena, uma senhora **"vívuda"** que curtia os rolês e acreditava no sonho do neto.

O que era para ser um show único para ajudar um amigo acabou virando a vida dos três. Luiz, que tocava violão, migrou para a bateria. Joãozinho, que nem imaginava ser músico, assumiu o baixo. Três ensaios depois, estavam no palco, como nos diz o batera Luiz Moreira:



**"O Vitu foi chamado para fazer um show de abertura de uma outra banda. E o Joãozinho propôs de a gente montar a banda e tocar junto para a gente tocar como banda do Vito. Só que eu, Luiz, não tocava bateria, o Joãozinho não tocava baixo, e eu só tocava guitarra, violão, fazia minhas músicas, mas nunca tinha chegado a lançar nada. Então a gente pensou, ah, vamos fazer esse show, e é isso. Só que nesse primeiro show foi um sucesso. Foram todos os nossos amigos, familiares, teve uma galera a mais que estava lá que gostaram muito, a casa tava lotada."**

Com produção de Gabriel Nobre e da própria banda, e mixagem/masterização de Luke Mello, o single foi gravado entre o Estúdio Navedois e as Fábricas de Cultura. É, sem dúvida, o presente sonoro que a cidade precisava. Enquanto os fogos de artifício iluminam o céu noturno de janeiro, o som grave e distorcido da Dona Helena nos faz pensar: na selva de pedra, a arte continua sendo a melhor forma de sobrevivência.

Mas o baixo de Joãozinho que traz a bola para a região. O som é tão pesado e grave que dá vontade de ir correndo para a feira da Liberdade e berrar o refrão **"Ei, irmãooooo!!!! Por que você se esconde?"**. É um som brabo demais, que sacode a estrutura.



Fechando a parede de som, a bateria de Luiz Moreira dita a cadência underground. É impossível não bater cabeça, não se deixar levar pela rítmica que a banda descreve como "som brabo", de quem conhece São Paulo pelas entranhas, não pelos cartões-postais.

A photograph of three men in an urban setting. The man on the left is wearing a black cap, sunglasses, and a black t-shirt with 'CBT' on it. The man in the middle is wearing a white t-shirt and glasses. The man on the right is wearing a denim jacket and sunglasses, drinking from a glass. They are standing in front of a yellow car with 'BLACK D' and 'No 7' visible. In the background, there is a building with 'ED. CENTER II' and '43' on it.

## Dona Helena em Dissonância: entrevista exclusiva

Por Tião Folk

*Formada em Guarulhos, a banda Dona Helena apresenta vivência e som brabo no mesmo setup. Surgida de forma despretensiosa em 2023, o grupo rapidamente encontrou identidade própria ao unir rock de peso, letras diretas e uma postura atenta às tensões sociais e emocionais da vida urbana. Com singles que circulam pela cena independente da Grande São Paulo e shows marcados por intensidade e entrega, a Dona Helena se firma como um projeto de vida de seus integrantes, refletindo nas canções a experiência de quem conhece a cidade por dentro e faz dela matéria-prima artística.*

**Dissonância: Por que o nome "Dona Helena"?**

**Vitu Lopes:** De início, "Dona Helena" era o nome de um festival que eu e o Joãozinho estava planejando, mas acabou que não saiu do papel. E Dona Helena é o nome da minha avó que sempre me incentivou na música, sempre me ajudou com a questão de equipamento, questão de instrumento; e aí eu queria de alguma forma homenagear ela. A gente sugeriu o nome, todo mundo gostou, achou que era um nome legal pra banda e combina bastante. Ela era uma pessoa muito livre, uma pessoa que gostava da festa, gostava da bagunça, então eu acho que combina muito com a gente também.

**Dissonância: No release vocês dizem: "Dona Helena surge de maneira despreziosa". Por que despreziosa?**

**Luiz Moreira:** Cara, foi loucura, assim. A gente não tinha a pretensão de continuar com a banda. Na realidade, assim. O Vitu tem um projeto solo, que é muito bom, inclusive. Ele lançou um EP, produziu, gravou, fez tudo sozinho ali no quarto dele. E eu e o Joãozinho, somos muito fãs, assim, gostávamos muito. E aí, o Vitu foi chamado para fazer um show de abertura de uma outra banda. E o Joãozinho propôs de a gente montar a banda e tocar junto para a gente tocar como banda do Vito. Só que eu, Luiz, não tocava bateria, o Joãozinho não tocava baixo, e eu só tocava guitarra, violão, fazia minhas músicas, mas nunca tinha chegado a lançar nada. Então a gente pensou, ah, vamos fazer esse show, e é isso. Só que nesse primeiro show foi um sucesso. Foram todos os nossos amigos, familiares, teve uma galera a mais que estava lá que gostaram muito, a casa tava lotada. E nesse mesmo dia surgiram dois convites para outros shows. Então a gente foi fazendo, fomos seguindo, lançamos a primeira música e estamos aí até hoje. E foi desprezioso, mas mudou nossas vidas completamente.

**Dissonância: Como foi a tensão do primeiro show?**

**Joãozinho:** A tensão do primeiro show foi um negócio diferente. A gente tava com o nervosismo a mil, mas a gente soube fazer a galera dançar, tá ligado? Conseguimos desenrolar lá e tals. E o diferencial foi, sem dúvida, o apoio da família dos amigos lá. A gente convidou a galera e a galera e nossos amigos convidaram parente, amigo, primo. A gente ganhou, mano, família e fã desde o primeiro dia. Foi muito maneiro o bagulho e tá sendo muito maneiro ainda.

**Dissonância: Qual a mensagem do single "8-11"?**

**Vitu Lopes:** A mensagem de "8-11" veio do livro do Apocalipse da Bíblia. Que é a ideia de que não importa se você segue ou não uma religião; Se Deus existe, não adianta "se esconder" dele. É uma mensagem tanto pra quem é cristão quanto pra quem não é. Pra quem tem fé, pra quem não tem. Porque ela questiona como você vive sua vida, quem você é no final dela quando acaba.

**Dissonância: Qual a mensagem do single "São Paulo"?**

**Luiz Moreira:** "São Paulo" é sobre o caos da cidade que nos faz esquecer de olhar para nós mesmos, e de perceber o outro também. A mensagem é uma crítica a quem se coloca no todo do pódio, a quem não enxerga o próximo, a quem se esconde atrás de máscaras para ser aceito. É uma forma de dizer ao ouvinte a olhar para si mesmo e a deixar de lado o ódio, o pudor e a mesquinhas e vir a ser quem realmente é, se aceitando e aceitando os demais.

**OUÇA A ENTREVISTA COMPLETA NO PORTAL DISSONÂNCIA**



**[CLIQUE AQUI](#)**

CONHEÇA O

# RAIO-X DO ÁLBUM UM PRODUTO DA DISSONÂNCIA EXCLUSIVO PARA ARTISTAS INDEPENDENTES QUE PRECISAM IR ALÉM

**DISSONÂNCIA**

o maior ecossistema de divulgação de artistas independentes do Brasil

**RAIO-X DO ÁLBUM**

Cada faixa explicada. A obra compreendida.

Nem todo álbum merece uma análise faixa a faixa. O seu, sim.

Cada música explicada no detalhe, com contexto histórico, intenção artística e leitura curatorial.

Um conteúdo que transforma lançamento em obra compreendida.

O mesmo padrão de excelência da Dissonância.

ENTRE EM CONTATO PELO WHATSAPP

**(021) 96736-6260**

# PÁGINA BIO-DISCOGRÁFICA

## DONA HELENA

Formada em Guarulhos, em julho de 2023, a Dona Helena surgiu de maneira despretenhosa, mas rapidamente se firmou como um dos nomes em ascensão da cena independente da Grande São Paulo. O grupo nasceu quando Vitu Lopes, então em carreira solo, foi convidado para abrir um show e decidiu não subir ao palco sozinho. Três ensaios depois, com Luiz Moreira na bateria e Joãozinho no baixo, a banda estreava diante de casa cheia. A resposta imediata do público transformou a ideia inicial em um projeto de vida.

A sonoridade da Dona Helena é direta e intensa, misturando rock, punk, blues, indie, stoner, MPB e outras brasilidades, sempre com forte carga emocional e letras que dialogam com questões sociais, existenciais e urbanas. As apresentações ao vivo, marcadas por energia e entrega, ajudaram a banda a circular por palcos importantes da capital paulista e a construir um público engajado.

Até o momento, a Dona Helena lançou os singles "Sim Senhor" e "8-11", além de "São Paulo", faixa lançada em 25 de janeiro de 2026, no aniversário da cidade, e que inaugura o ciclo de seu primeiro álbum, previsto para 2026. Com produção cuidadosa e identidade própria, a banda segue consolidando seu espaço ao transformar vivência, inquietação e aprendizado contínuo em música.



**Cegos Do Que Vimos**  
27/03/2026



**São Paulo**  
25/01/2026



**8-11**  
08/11/2024



**Sim Senhor**  
06/04/2024

VEJA A PÁGINA BIO-DISCOGRÁFICA DA BANDA DONA HELENA NO PORTAL DISSONÂNCIA

[CLIQUE AQUI](#)

REDES SOCIAIS



FALLEN

# O Nordeste que não cabe no eixo: a Zambrotta e a geração que aprendeu a sonhar fora da curva

Por Fábio Drummond



Formada no Recife por três amigos de infância, a Zambrotta é dessas bandas que surgem como consequência natural de uma convivência longa, atravessada por zoeiras de amigos, afetos incompreensíveis, referências culturais e uma inquietação artística que os une.

O trio lançou em 4 de julho de 2025 o álbum **"Ensaio sobre a noite e o dia"**, depois de antecipar o trabalho com o single **"E Eu Lá Sei"**, em maio do mesmo ano. Embora a trajetória ainda seja curta em termos cronológicos, a banda construiu um percurso intenso, marcado por produção constante, circulação de shows e uma presença ativa na cena independente nordestina.

O nome Zambrotta carrega um sentido afetivo que ajuda a entender a identidade do grupo. Como explica o vocalista Adner Matheus, a escolha remete à infância compartilhada no bairro onde cresceram, ao futebol e a uma época formativa que permanece como referência simbólica. O sobrenome do jogador italiano Gianluca Zambrotta surgiu como uma memória condensada, sonora e forte, capaz de dialogar com a energia do som que produzem. Essa combinação de lembrança pessoal e intenção estética atravessa também as canções do trio.



Se o nome carrega a força do futebol, o som de **"Ensaio sobre a noite e o dia"** carrega a densidade da vida adulta. O álbum, que levou seis anos para ser concluído, é descrito pela banda como **"o retrato violento e sincero do afeto entre três grandes amigos"**. O disco explora terrenos variados do rock, passando pelo post-hardcore, shoegaze, dream pop e indie, sempre com uma roupagem experimental que remete ao rock dos anos 90, sem jamais abandonar as raízes pernambucanas.

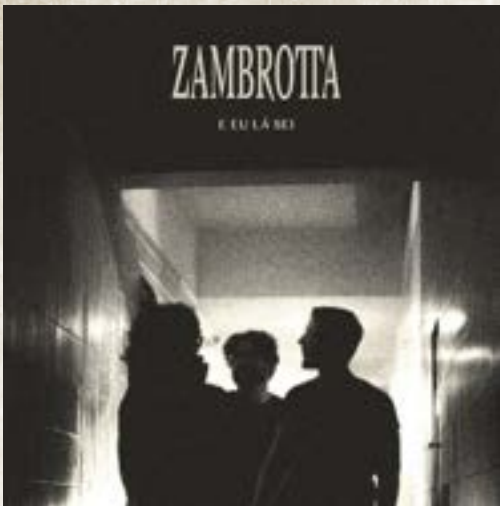
A narrativa do álbum percorre as fases do **"sonho médio de um artista que se coloca à margem de sua obsessão"**, tratando de temas como a ingenuidade inicial, a síndrome do impostor e a esperança de redenção.

Para Adner, a banda ocupa um espaço de continuidade dos sonhos de infância e de amadurecimento mútuo.

**"Nossa amizade sempre se pautou muito pela forma como a gente compreendia o mundo e a forma como a arte e a música nos interessavam. Formar uma banda meio que se tornou óbvio".**

Adner explica que a Zambrotta vai além de um projeto profissional: **"É um espaço de grandes irmãos, de ser padrinho de casamento do outro"**.





**"Queremos desmistificar essa narrativa de que existe um eixo cultural focado em Rio-São Paulo e mostrar que o Nordeste é um grande polo de produção artística".**

Em 2025, eles dividiram palcos com bandas como Menores Atos e Backdrop Falls, e no ano seguinte, embarcaram na turnê "Ensaio de Guerrilha" com a paraibana Emerald Hill. **"Surgiu dessa ideia de unir forças e sítar as cidades nordestinas levando nosso som"**, explica Adner. A parceria incluiu shows em cidades como Recife, João Pessoa e Natal, com convidados locais e uma proposta jovial de **"destruir o capitalismo por onde passarem"**.



Mas se há lição que a Zambrotta gostaria de deixar para outros artistas independentes que estão começando, é a de que o caminho é feito de pessoas, não apenas de talento. **"As coisas não acontecem por a gente mesmo"**, alerta Adner.

**"A gente é muito envolvido em tudo que gira em torno da produção cultural. Desde a comunicação, desde a produção de eventos, desde fazer parcerias. E, no final, construir amigos e relações."**

Após lançar um EP em 2017, a Zambrotta optou por um hiato para amadurecer artisticamente. **"Tivemos um momento em 2017, quando lançamos um EP, depois demos uma pausa para amadurecer, e estamos voltando"**, reflete Adner. Nesse período, os membros lidaram com desafios pessoais: faculdade, trabalho precarizado, família, etc. Tudo isso junto se infiltrava no processo criativo. O retorno veio nas nove faixas do disco ESND (como é carinhosamente chamado pelos fãs), Ensaio Sobre a Noite e o Dia, narrando os dilemas do fazer artístico.

A história da Zambrotta é uma história de afeto. **"Eu e o Lucas a gente se conhece desde a infância e o Renan na época da adolescência"**, conta Adner.

**"Nossa amizade sempre se pautou pela forma como a gente compreendia o mundo e como a arte e a música nos interessavam."**

Essa cumplicidade transcende o profissional: são padrinhos de casamento uns dos outros, irmãos de vida que resolveram transformar conversas em canções. **"A Zambrotta ocupa esse espaço afetivo de continuidade, de sonhos de infância e de acompanhamento do amadurecimento da vida de cada um"**, define o vocalista.

Fora do eixo Rio-São Paulo, a Zambrotta constrói seu espaço no Nordeste, região que defendem como um polo cultural vibrante, como afirma Lucas Emanuel à Dissonância.



Para 2026, a agenda promete manter o ritmo intenso. Além da continuidade da turnê com o Emerald Hill, que em janeiro desembarcou no Pico, em Recife, ao lado de bandas como DRVA e Associação dos Moradores, em evento produzido pela Noite Ruim Records, a Zambrotta planeja lançar um novo single ao longo do ano e, no segundo semestre, iniciar as composições para o segundo álbum.

A ambição é clara: tocar mais, conhecer ainda melhor o próprio quintal nordestino antes de mirar outras regiões, e continuar provando que é possível fazer arte honesta, dolorida e necessária longe dos holofotes tradicionais. Se o primeiro disco foi um mergulho nos conflitos do sonho artístico, o próximo passo parece apontar para uma banda ainda mais consciente de seu lugar, disposta a seguir produzindo, circulando e insistindo em fazer diferente.

Em um mundo sufocante, a Zambrotta é rock alternativo nordestino puro que resiste com ousadia e transforma obstáculos em som. Como diz Adner: **"Queremos devolver à arte tudo que ela nos proporcionou - como ato de gratidão"**. E, assim, eles seguem ensaiando, entre a noite e o dia.



## Zambrotta em Dissonância: entrevista exclusiva

Por Fábio Drummond

*Formada no Recife por três amigos de infância, a Zambrotta é uma banda que transformou amizade em discurso artístico. Com Adner Matheus, Lucas Emanuel e Renan Pessoa, o trio construiu uma trajetória curta em tempo, mas intensa em produção e circulação. Recusaram fórmulas prontas e buscaram uma linguagem própria. No álbum de estreia, "Ensaio Sobre a Noite e o Dia", lançado em 2025, a banda expõe os dilemas do fazer artístico e os conflitos entre sonho e realidade, sem perder o vínculo com suas raízes pernambucanas. Nesta entrevista exclusiva à Dissonância, a Zambrotta fala sobre amizade, processo criativo, cena independente e os caminhos que escolheu para existir e resistir fora dos eixos tradicionais.*

## Dissonância: Por que o nome Zambrotta?

**Adner Matheus:** *Então, nós três somos amigos de infância. E além de dividir o tempo da vida, o bairro que a gente cresceu, a gente também tem um amor pelo futebol e a gente queria alguma referência que relatasse essa época também. Então, a gente estava procurando o nome de algum jogador, de algum clube que fizesse sentido e chegamos no Zambrotta como esse jogador que representa uma época afetiva da nossa infância, da nossa formação enquanto pessoas. Acho um nome sonoro, um nome forte e acho que isso tem relação um pouco com o nosso som também.*

## Dissonância: Como ocorreu a reunião do grupo?

**Adner Matheus:** *Boa. Eu e o Lucas a gente se conhece desde a infância e Renan na época da adolescência. E nossa amizade, ela sempre se pautou muito pela forma como a gente compreendia o mundo e a forma como a arte e a música e a cultura nos interessavam. Então, isso sempre foi nosso interesse em comum. E chegou o momento que a gente começou a criar coisa, que a gente começou a compartilhar a figura demais e que formar uma banda meio que se tornou óbvio. E, desde então, a gente tem tido uma caminhada, não somente de companheiros de banda, mas de grandes irmãos assim, sabe? De ser um padrinho de casamento do outro. E eu acho que a Zambrotta, ela também ocupa esse espaço afetivo. De continuidade, de sonhos de infância, e de acompanhamento do amadurecimento da vida de cada um também.*

## Dissonância: Vocês se uniram à banda Emerald Hill numa turnê pelo Estado. Qual a proposta da união e da turnê?

**Adner Matheus:** *A gente tocou pela primeira vez com o Emerald Hill, há, sei lá, oito anos atrás, abrindo pro Gordura Trans em Recife, e a gente sentiu identificação na época. Continuou mantendo contato, mas muito digitalmente. E aí, no ano passado, a gente lançou um álbum mais ou menos na mesma época.*

*Eles lançaram “À Queima Roupas”, a gente lançou “Um Ensaio Sobre A Noite E O Dia”. E aí desde então a gente se acompanha, troca figurinha, e se reencontrou no show em João Pessoa, que foi muito divertido, foi uma noite que fez muito sentido para ambas as bandas, e a gente viu que compartilhava muita coisa em comum e decidiu, “pô, vamos dar esse passo, vamos unir forças e vamos situar as cidades nordestinas levando nosso som”. Então o “Ensaio de Guerrilha” surge a partir dessa ideia.*

## Dissonância: O que vocês têm aprendido até aqui dessa fase atual da banda que pode servir de inspiração para outros artistas independentes que estão começando?

**Adner Matheus:** *Olha, a gente teve um momento, aí em 2017, quando a gente lançou um EP, depois a gente deu uma pausa, para amadurecer artisticamente, e tá voltando. Então, tem muita coisa que a gente também tá aprendendo, sobre como compreender que esse sonho, ele continue de uma forma viável. Mas, assim, algumas coisas que a gente tem refletido é de que as coisas elas não acontecem por a gente mesmo, sabe? Obviamente que oportunidades surgem, mas a gente tem que procurar essas oportunidades. Então, a gente é muito envolvido em tudo que gira em torno da produção cultural. Desde a comunicação, desde a produção de eventos, desde fazer parcerias. E, no final, construir amigos e relações, porque eu acho que, no final, acaba sendo sobre isso, né? Construir essas relações com a intencionalidade de fazer amigos; e se divertir no meio do caminho, porque se não houver diversão, acaba não fazendo sentido, o capitalismo vai acabar nos esmagando, destruindo nossos sonhos.*

## Dissonância: Apesar de estarem fora do eixo Rio-São Paulo, vocês têm conseguido desenvolver um trabalho de reconhecimento nacional. Vocês pretendem continuar no Nordeste ou já pensam numa mudança para outros palcos?

**Lucas Emanuel:** *A gente ainda não tem nenhum planejamento para tocar em outras regiões do Brasil. Mas seria interessante sim. Tá tocando no Norte, tá tocando lá mais pro Sul, também Sudeste. Uma coisa que a gente tem também, antes disso, é que a gente possa tocar, conhecer nossa região Nordeste antes de partir para outras e tentar desmistificar um pouco essa narrativa de que existe esse eixo cultural que tá focado em Rio-São Paulo e mostrar que o Nordeste ele é um grande polo, sim. Um grande polo cultural, um grande polo de produção artística também.*

## Dissonância: O que podemos esperar para 2026?

**Lucas Emanuel:** *A gente atualmente está numa turnê chamada “Ensaio de Guerrilha” com nossos primos da Emerald Hill. Uma banda amiga nossa, lá da Paraíba. Estamos percorrendo alguns estados do Nordeste tocando. Além disso, a gente quer tocar mais, talvez lançar um single que tenho essa pretensão e, no final do ano, começar a pensar numa produção de um novo álbum.*

## OUÇA A ENTREVISTA COMPLETA NO PORTAL DISSONÂNCIA

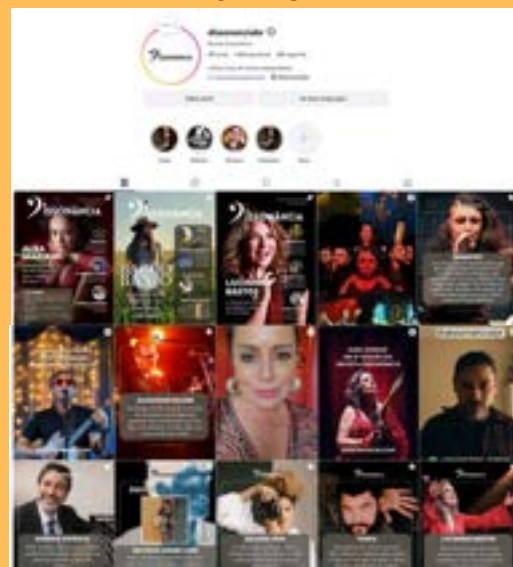


[CLIQUE AQUI](#)

ACESSE O INSTAGRAM

@DISSONANCIABR

E FIQUE POR DENTRO DE TODAS AS NOVIDADES DA ARTE INDEPENDENTE NO BRASIL



# PÁGINA BIO-DISCOGRÁFICA

## ZAMBROTTA

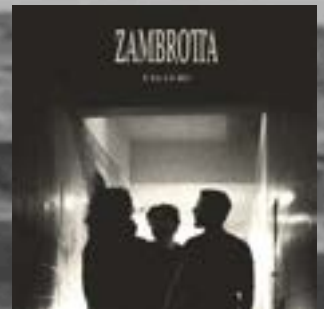
Formada no Recife, a Zambrotta é um trio que transforma amizade de longa data em matéria-prima artística. Composta por Adner Matheus, Lucas Emanuel e Renan Pessoa, a banda nasce do convívio desde a infância, atravessado por referências culturais, futebol, música e uma inquietação comum diante do mundo. O nome, inspirado no jogador Gianluca Zambrotta, carrega esse vínculo afetivo e aponta para uma sonoridade direta, forte e carregada de significado.

Após um EP lançado em 2017 e um período de hiato dedicado ao amadurecimento artístico, a Zambrotta apresentou em 2025 seu álbum de estreia, *Ensaio sobre a noite e o dia*, antecipado pelo single "E Eu Lá Sei". O disco é resultado de um processo longo e consciente, que investiga os dilemas do fazer artístico, os conflitos entre sonho e realidade e as marcas deixadas pelo tempo. Musicalmente, o trabalho transita pelo rock alternativo dos anos 1990, dialogando com post-hardcore, shoegaze, indie e emo, sem perder o vínculo com suas raízes pernambucanas.

Ativa na cena independente, a Zambrotta se destaca também pela atuação coletiva: circulação de shows, parcerias, produção cultural e a turnê "Ensaio de Guerrilha", ao lado da Emerald Hill, reforçam a aposta na colaboração como caminho. Mais que um projeto musical, a banda se afirma como um espaço de continuidade afetiva, criação compartilhada e resistência artística fora dos eixos tradicionais.



**Ensaio Sobre a Noite e o Dia**  
04/07/2025

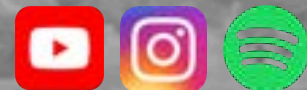


**E Eu Lá Sei**  
30/05/2025

VEJA A PÁGINA BIO-DISCOGRÁFICA DA BANDA ZAMBROTTA NO PORTAL DISSONÂNCIA

[CLIQUE AQUI](#)

REDES SOCIAIS



# ROCK AUTORAL RESISTENCIA E IDENTIDADE: QUEM É A



**Madame  
LOUD**

Por Jorge Murilo



MADAME LOUD - FOTO: GABRIEL TOLEDO

A banda Madame Loud surge como um nome recente do rock gaúcho que aposta em discurso, identidade e persistência para se firmar em um cenário historicamente adverso aos artistas independentes no Brasil. Formada em Alegrete, a banda lançou seu primeiro EP, *Epopéia*, no dia 12 de outubro de 2025. O trabalho, produzido, mixado e masterizado por Diego Lopes (da banda Acústicos & Valvulados), sintetiza sua proposta sonora, e escancara uma postura clara diante da vida, da arte e da realidade social que atravessa suas composições.



Como muitos artistas independentes no Brasil, a Madame Loud lida com obstáculos como a falta de recursos financeiros para promoção, a dificuldade de acesso a estúdios profissionais e a concorrência desleal com nomes estabelecidos.

Como muitos artistas independentes no Brasil, a Madame Loud lida com obstáculos como a falta de recursos financeiros para promoção, a dificuldade de acesso a estúdios profissionais e a concorrência desleal com nomes estabelecidos. No país, onde o mercado musical é concentrado em capitais como São Paulo e Rio de Janeiro, bandas do interior enfrentam ainda o isolamento geográfico, com poucas oportunidades de shows e networking. **"Ser independente significa gerenciar tudo sozinho: da composição à divulgação, passando por gravações caseiras e buscas por votos em concursos"**, explica Leco Oliveira em entrevistas recentes. Além disso, a pirataria digital e a saturação das plataformas de streaming diluem a visibilidade, forçando artistas a investir em redes sociais e parcerias locais para sobreviver.



Apesar dessas barreiras, a banda tem ganhado tração. Em outubro de 2025, eles representaram Alegrete no Concurso Cultural Som do RS, promovido pela Masper TV, sendo selecionados entre 24 artistas gaúchos após um circuito de oficinas que reuniu cerca de 500 participantes. A música **"A Cada Passo Que Eu Dou"**, de autoria própria, foi a escolhida para a competição, e o duo avançou para as semifinais graças à votação popular.



No dia 12 de dezembro de 2025, aniversário da Masper TV, os resultados finais foram anunciados: embora não tenha conquistado o primeiro lugar, a Madame Loud ficou entre os cinco mais votados, garantindo uma posição de destaque e uma entrevista ao vivo no programa Mosaico RS. O prêmio para o vencedor incluía gravação de single, videoclipe e sessão de fotos em Porto Alegre, mas o mero avanço já impulsionou a visibilidade da banda.

A essência da Madame Loud vai além do som pesado, com influências de blues e stoner rock, riffs marcantes e batidas intensas. Como resume Leco Oliveira:



Se resumida em uma frase, a banda seria "o rock que recusa a falsa ilusão, acredita na luta como condição e transforma energia em ação."

A trajetória pessoal de Leco adiciona camadas profundas ao projeto. Em março de 2024, ele recebeu o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA), o que trouxe clareza para desafios vividos desde a infância. Em entrevista a Rede Tchê ele falou dos desafios que enfrentava sem nem saber o porquê.

**"Ele veio como uma resposta para tudo o que vivi desde criança. As dificuldades de me relacionar com as pessoas e tudo o que isso implica. Foi uma oportunidade de olhar para trás e me perdoar por algumas coisas que eu me culpava por terem acontecido, que hoje eu sei o porquê"**



A banda Madame Loud surge como um nome recente do rock gaúcho que aposta em discurso, identidade e persistência para se firmar em um cenário historicamente adverso aos artistas independentes no Brasil. Formada em Alegrete, a banda lançou seu primeiro EP, Epopeia, no dia 12 de outubro de 2025. O trabalho, produzido, mixado e masterizado por Diego Lopes (da banda Acústicos & Valvulados), sintetiza sua proposta sonora, e escancara uma postura clara diante da vida, da arte e da realidade social que atravessa suas composições.

**"A música, ela não é só entretenimento, música é um instrumento de transformação pessoal. Madame Loud existe para resgatar aquilo que o rock sempre fez, na verdade, que é tocar no coração das pessoas e ajudar a enxergar a própria força delas. Cada uma das nossas composições foi pensada como um grito de superação."**

A música "A Cada Passo Que Eu Dou" reflete essa jornada: *"Ela fala muito da dificuldade da pessoa que tem o autismo de se relacionar com as pessoas. Então quando ela fala que 'a cada passo que eu dou, esqueço o que passou e a cada abraço que ficou, eu agradeço quem me deixou', é pelas pessoas que passaram e acabaram indo embora por conta dessa dificuldade, mas elas deixaram algo bom pra ti, pelo menos pra ti aprender alguma coisa com os erros ou com a tua dificuldade. É meio que um auto perdão a tudo que eu errei sem saber por que, né? E que hoje eu consigo entender melhor. Essa música foi meio que uma libertação depois do laudo."*



A formação da banda começou de forma improvável. Leco chegou a Alegrete em 2017, sem conhecer a cena local. Após anos sem conexões, postou em grupos do Facebook procurando um baterista em 2021. Um contato inicial não deu certo, mas Bruno Rocha o procurou via WhatsApp, propondo um power trio. Após a saída do baixista por motivos profissionais, eles seguiram como duo em fevereiro de 2022. Desde então, focam em composições autorais, com singles como "Pisa Fundo", "E Você Aí?", "A Cada Passo Que Eu Dou" e "Topo do Monte" precedendo o EP.



Nos palcos, a Madame Loud mistura originais com covers de clássicos como "No One Knows" (Queens of the Stone Age) e "Seven Nation Army" (The White Stripes), criando performances enérgicas. Eles também participaram de eventos como o festival Baita Rock, ampliando sua rede.



Olhando para 2026, os planos são ambiciosos: "Compor mais alguma coisa, quem sabe um álbum completo", adianta Leco. Com presença ativa em redes como Instagram (@madameloud) e Facebook, a banda continua a construir sua narrativa de luta e transformação, porque o rock independente brasileiro ainda tem muito a oferecer. Para contatos e shows, e-mails para [madameloud@gmail.com](mailto:madameloud@gmail.com) ou via produtores associados.



# PÁGINA BIO-DISCOGRÁFICA

## MADAME LOUD



**Epopéia**  
12/10/2025



**A Cada Passo Que Eu Dou**  
20/09/2025



**E Você Aí...**  
16/08/2025

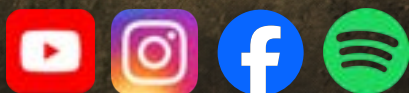


**Pisa Fundo**  
12/07/2025

VEJA A PÁGINA BIO-DISCOGRÁFICA DA BANDA MADAME LOUD NO PORTAL DISSONÂNCIA

[CLIQUE AQUI](#)

REDES SOCIAIS



Madame Loud é uma banda de rock autoral formada em Alegrete (RS) que constrói sua identidade a partir da experiência direta com os dilemas da vida adulta, da resistência cotidiana e da música como instrumento de transformação.

O projeto começou a tomar forma a partir de 2022, quando a banda se consolidou como duo após diferentes tentativas de formação. Desde então, a Madame Loud passou a concentrar seus esforços na criação de repertório próprio, apostando em letras confessionais e em uma sonoridade direta, ancorada na tradição do rock, mas conectada a questões contemporâneas.

Em 12 de outubro de 2025, a banda lançou seu primeiro EP, Epopeia, trabalho que marca o início oficial de sua trajetória fonográfica. O registro apresenta composições que abordam temas como superação, enfrentamento emocional e autoconhecimento, refletindo a proposta artística do grupo de transformar vivências pessoais em discurso coletivo. Entre as faixas, destaca-se "A Cada Passo que Eu Dou", canção que dialoga diretamente com a descoberta do Transtorno do Espectro Autista na vida adulta pelo vocalista Leco Oliveira, trazendo à tona reflexões sobre relações, perdas e autoaceitação.

No mesmo ano, a Madame Loud ampliou sua visibilidade ao chegar à final do concurso Som do RS, promovido pela Masper TV, figurando entre as cinco bandas mais votadas do estado. A participação reforçou a presença do grupo no circuito autoral gaúcho e consolidou seu nome como uma aposta consistente do rock independente.

Com Epopeia, a Madame Loud estabelece as bases de uma discografia em construção, apontando para uma produção comprometida com conteúdo, identidade e continuidade artística.

# Descubra a Essência da Revista Dissonância

Editorial Dissonante

Se você acha que já viu de tudo no universo das publicações musicais, prepare-se para uma surpresa. A Revista Dissonância não é só mais uma daquelas que falam de bandas e lançamentos. Não, senhor! Ela é um verdadeiro caldeirão cultural, um espaço onde o som cru, a crítica afiada e a irreverência se encontram para criar algo único. Quer saber por quê? Então, bora mergulhar nessa viagem sonora e literária que é a Dissonância.

## O que torna uma revista de música independente realmente independente?

Antes de mais nada, vamos combinar: o que significa ser independente? Não é só não ter um selo grande atrás, não. É ter voz, atitude e, principalmente, coragem para falar o que ninguém mais quer. A revista de música independente é aquele espaço onde o artista não precisa se encaixar em padrões, onde o som experimental, o punk do subúrbio e o jazz que ninguém entende têm vez e voz.

- **Liberdade editorial:** aqui, o conteúdo não é ditado por interesses comerciais.
- **Diversidade sonora:** do folk ao eletrônico, do rap ao samba, tudo pode aparecer.
- **Conexão direta com o público:** sem intermediários, sem filtros.

E a Revista Dissonância abraça exatamente essa filosofia. Ela é feita para quem quer mais do que playlists prontas e notícias recicladas. É para quem quer sentir a música tocando diferente, ela é um remédio novo para tímpanos saturados.

## A identidade visual e editorial da Dissonância, nada do óbvio de sempre

Se você acha que revista de música independente é só texto e foto de banda, está na hora de rever seus conceitos. A identidade visual da revista é um show à parte. Cores vibrantes, layouts sem monotonia e uma tipografia que não deixa você dormir até ler a última página.

Editorialmente, a revista aposta em:

- Entrevistas profundas: nada de perguntas clichês, aqui o papo é reto e sem rodeios.
- Críticas musicais afiadas: sem medo de dizer que aquele álbum é uma bomba ou uma obra-prima.

- Reportagens que exploram o contexto: cultura, política, economia e como tudo isso influencia a música.

Essa mistura cria um ritmo ágil, quase como uma jam session literária, que prende o leitor do começo ao fim. E, claro, não faltam pitadas de ironia e humor sarcástico para temperar o caldo.

## Conteúdo que inspira e provoca

Aqui não tem espaço para mesmice. A revista obriga você a pensar, questionar e, por que não, se divertir. Ela traz:

1. Perfis de artistas que estão fazendo barulho fora do mainstream.
2. Dicas práticas para quem quer produzir, divulgar e viver de música independente.
3. Análises de tendências que vão além do simplório e do óbvio.

Por exemplo, já pensou em como a tecnologia está mudando a forma de criar música? Ou como o cenário político influencia as letras e os ritmos? A revista não só pensa nisso, como coloca na mesa para debate.

## Por que a revista é essencial para artistas independentes?

Se você é artista independente, sabe que o caminho não é fácil. Falta espaço, falta visibilidade, falta apoio. A Revista Dissonância surge como uma aliada poderosa nesse cenário.

- **Divulgação de trabalhos:** espaço para mostrar seu som para um público que realmente entende.
- **Networking:** conexão com outros artistas, produtores e profissionais do meio.
- **Conteúdo educativo:** dicas sobre direitos autorais, produção, marketing digital e muito mais.

Além disso, a revista funciona como um termômetro do que está acontecendo no cenário musical brasileiro, ajudando a identificar oportunidades e tendências.

E não é só isso. A revista também tem um papel social importante, dando voz a grupos e estilos que muitas vezes ficam à margem do mercado tradicional.

## Conteúdo que inspira e provoca

- Vivemos numa era em que a internet é palco principal para a música. A revista digital independente mais influente do Brasil sabe disso e aproveita cada pixel para se destacar.
- **Interatividade:** conteúdos multimídia, podcasts, vídeos e lives.
- **Comunidade:** fóruns, grupos e eventos online para fortalecer a rede.
- **Atualização constante:** notícias fresquinhas, lançamentos e análises em tempo real.

O futuro? É promissor e cheio de possibilidades. A revista está sempre antenada nas novidades tecnológicas e nas mudanças do mercado, pronta para se reinventar e continuar sendo referência.

E, cá entre nós, quem não quer fazer parte dessa revolução sonora e cultural?

Se você ainda não conhece a Revista Dissonância, está na hora de dar uma chance. Afinal, no meio de tanta mesmice, encontrar um espaço que respira autenticidade e paixão pela música independente é como achar uma agulha no palheiro. E convenhamos, agulha boa é aquela que fura, que marca, que deixa sua marca no tecido da cultura.

Então, que tal embarcar nessa jornada? A música está aí, esperando para ser descoberta. E a Dissonância está pronta para ser seu guia nessa aventura sonora.

# ESTAR NA DISSONÂNCIA NÃO É SORTE É CONSEQUÊNCIA

A próxima capa pode ser a sua

